

Um título como este torna-se irresistível aos olhos e mãos de quem visita uma das livrarias da cidade, e mais ainda, quando um certo Freud figura na sua capa. Ao alargar seus ombros, fazendo-o lançar um severo olhar sobre nós, queria o artista, penso eu, que Freud ostentasse a firmeza e a solidez próprias a um personagem bem-sucedido do nosso tempo: com o conjunto de paletó preto, camisa branca e gravata *verde-amarela*, adquire a combinação certa para ganhar nossa confiança nacional. A esta configuração junta-se a frase final da Introdução - "por onde andar, nos meandros das nossas idéias e textos, a Freiberg de todos nós" - para animar nosso secreto anseio por um *Freud brasileiro*. São os estrangeiros que distinguem o caráter nacional (francês, inglês ou americano) de uma certa produção cultural (neste caso, a *Psicanálise*). Irônico é o fato de que esta conjugação - entre Brasil e a *Psicanálise* - é conhecida no exterior pelas *Conferências brasileiras* proferidas por um inglês, W. R. Bion. Uma exposição da *psicanálise brasileira* pelos próprios talvez venha corrigir esta impressão.

Um cenário pragmático

Resenha de José O. Outeiral e Theobaldo O. Thomaz (org.), *Psicanálise Brasileira: brasileiros pensando a Psicanálise*, Porto Alegre, Artes Médicas, 1995, 371p.

Na apresentação do livro, os organizadores escrevem: "reunimos um conjunto de autores que pretendemos sejam representativos do pensamento psicanalítico brasileiro contemporâneo...". Trata-se de 36 autores que pertencem à Associação Brasileira de Psicanálise (ABP), filiada à IPA. Nas primeiras duas páginas do livro encontramos a lista dos autores e suas respectivas titulações nas diversas sociedades da ABP. Tanto a apresentação desta lista (como se para serem avaliados pelos leitores fosse preciso que se anexasse aos trabalhos mais do que o nome e o endereço do autor), como a confusão entre critérios institucionais internos de formação e a qualidade ou a natureza do trabalho efetivo do analista, são características muito peculiares à *psicanálise brasileira* (e não só da chamada *oficial*). Mas que o "pensamento psicanalítico brasileiro contemporâneo" se limite àqueles que o representam na Sociedade Brasileira de Psicanálise não tira o valor e o interesse que esta coletânea possa ter para o leitor, não só porque abarca uma grande parcela da comunidade psicanalítica em nosso país, mas por ter imprimido alguns dos traços mais

visíveis da psicanálise no Brasil, e por ter se originado do seu núcleo pioneiro.

O desejo dos organizadores era atingir dois objetivos: de um lado "dar seqüência ao debate sobre a questão da 'brasilidade' psicanalítica" e suprir, de outro, a falta de um *manual*, escrito por brasileiros, "que desse conta das questões sobre técnica psicanalítica" (P. X). Além do formato físico de um manual, há, nas suas três partes, um acento sobre a técnica: 1. Generalidades sobre a técnica (18 capítulos), 2. Técnica em situações especiais (6 capítulos), 3. Raízes da *Psicanálise brasileira* (9 capítulos). Ilustrações clínicas acompanham a maior parte dos trabalhos que compõem a primeira e a mais extensa parte do livro. Nela a praticidade domina o tratamento de temas como criatividade técnica, interpretação, associação livre, resistência, transferência, contratransferência, a pessoa do analista, auto-análise pós-análise, psicanálise na instituição, *acting-out*, reanálise, sim-

bolização na técnica, análise didática, repetição e processo psicanalítico. O mesmo acontece na segunda parte do livro quando o enfoque está na *técnica* em "situações especiais" de pacientes difíceis, psicossomáticos, psicóticos, perversos, adolescentes e crianças. Na última parte do livro, encontramos entre as "raízes" da psicanálise brasileira, além de Freud, Hartmann e a psicologia do Ego, Klein, Bion, Winnicott, Kohut, as contribuições dos autores franceses e dos argentinos. A exposição aqui não apresenta nenhuma unidade: alguns escolhem explicitar conceitos chaves do pensamento que norteia o seu trabalho clínico, outros juntam esta estratégia a uma ilustração clínica apropriada, outros ainda tentam resumir a obra-fonte; e, no que se refere aos autores argentinos, J. Campos combina a história do seu trajeto e a do movimento psicanalítico naquele país.

É impossível, neste espaço, considerar separadamente cada uma das contribuições que o livro oferece. Escolhemos tecer algumas considerações gerais sobre o conjunto dessas contribuições, privilegiando a relação entre elas e os propósitos e objetivos dos organizadores. O risco de incorrer em generalizações é grande, especialmente quando lidamos com uma tal diversidade de estilos de escrita e de conteú-

do. A importância deste evento/livro provém também do fato de que, na maior parte das vezes, os autores são psicanalistas com longa e rica experiência clínica, entre os quais figuram também autores conhecidos (Herrmann, Figueira, Rezende, Zimmerman, Osorio, Outeiral, Andrade e outros). Na medida em que o conjunto dos artigos reflete proporcionalmente as correntes na ABP, ele nos surpreende: os analistas clássicos das correntes kleiniana e bioniana não figuram aqui; a representação dessas tendências é modesta porém lúcida (de um lado os artigos do casal Rocha Barros, e de outro, os de Rezende e de Zimmerman). Há, ao invés disso, ao lado do registro da expansão winnicottiana nos últimos anos, uma surpreendente elevação da influência da psicologia do ego e do *self*, misturadas com a antiga inspiração pela psicanálise inglesa. A corrente freudiana francesa (representada de forma diferente por Fernando J.B Rocha e Luis C. Menezes), teorias específicas como a da comunicação de Liberman (Newton M. Aronis), e a teoria dos campos de Fabio Herrmann, têm tido uma difusão muito mais restrita.

Quanto à primeira questão dos editores a respeito da "brasilidade" psicanalítica, apenas dois autores (Sérvulo

A. Figueira e Elias M.R Barros - formados na Inglaterra) a abordam diretamente predominando neles a crítica à psicanálise brasileira. No que diz respeito a Freud, este figura aqui de um modo muito curioso. Com excessão de alguns (F.J.B Rocha e L.C Menezes), as citações de Freud, embora corretas, não se deslocam do sentido literal e imediato que fornecem. No artigo de Andrade, "Freud na psicanálise da atualidade", o que é *atual* é a aproximação de Freud à psicologia do ego, ignorando as inovações e as feições peculiares que a corrente freudiana adquiriu sob a influência francesa (como figura no trabalho de L.C Menezes). Não somente em relação a Freud, mas também no conjunto do livro, predomina um traço muito peculiar a esta psicanálise brasileira: a tão propalada recomendação do "aqui e agora" não encampa apenas a interpretação, ou melhor, a *tradução* do "material comunicado" para a relação paciente-analista, mas é um *aqui e agora* no próprio entendimento e no uso das ferramentas teóricas. Esses trabalhos parecem evidenciar que a aplicação "técnica" da teoria tem sua eficácia clínica. Entretanto, uma *psicanálise aplicada* à clínica não parece ter proporcionado um aprofundamento no conhecimento psicanalítico e na compreensão do mundo psíquico do sujeito. A distância proporcionada pelo enquadre analiti-

co é o contexto apropriado para que uma intuição nele surgida faça aprofundar, remanejar ou transformar - em algum nível - alguns aspectos teóricos que utilizamos (sejam eles de Freud, Klein, Bion ou outros), embora estes sejam mantidos por assim dizer em estado de suspensão durante as sessões. Este efeito permeia os trabalhos de freudianos franceses, kleinianos, winnicottianos etc. Com a exceção de poucos, seus pares não figuram na "brasilidade" psicanalítica aqui representada.

A obra de Fabio Herrmann é certamente única neste contexto, por ter sido criada no Brasil e por ter desenvolvido um arcabouço conceitual próprio. Mas tampouco ela tem ficado imune por completo ao ambiente pragmático que imanta seu entorno. Não só pela organização hermenêutica da interpretação, mas por uma certa concretude fenomenológica do *campo-relação* com que o autor veste e desenha seus pacientes.

Onde está, então, a psicanálise brasileira? Se criticamos o pragmatismo que a permeia, pelo menos por aquilo que é exposto no livro, achamos importante acompanhar as transformações que ela continua sofrendo, além de apresentar diversas reflexões e práticas pelos quais estamos permanentemente tocados.

Daniel Delouya é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.